

CULTURA PROFISSIONAL

AS MANOBRAS DE MANDIRITUBA NA 5ª REGIÃO MILITAR

O QUADRO DAS MANOBRAS — PARTICIPANTES

As manobras tiveram como finalidade:

- verificar o grau de adiestramento dos Quadros e Tropas de Infantaria, Artilharia, Engenharia, Cavalaria (mecanizada), Comunicações, Intendência, Saúde, Manutenção e elementos de Cia de QG e de Polícia, no emprego combinado dos respectivos meios;
- proporcionar um ambiente adequado à participação das Armas e Serviços, numa ação conjunta, para que cada um sentisse as possibilidades e limitações dos outros;
- aplicar os oficiais de EM nos trabalhos de organização e controle de exercício de combinação das Armas;
- ambientar a tropa no emprego da aeronáutica em apoio às operações terrestres;
- aplicar em sua plenitude os recentes ensinamentos contidos no

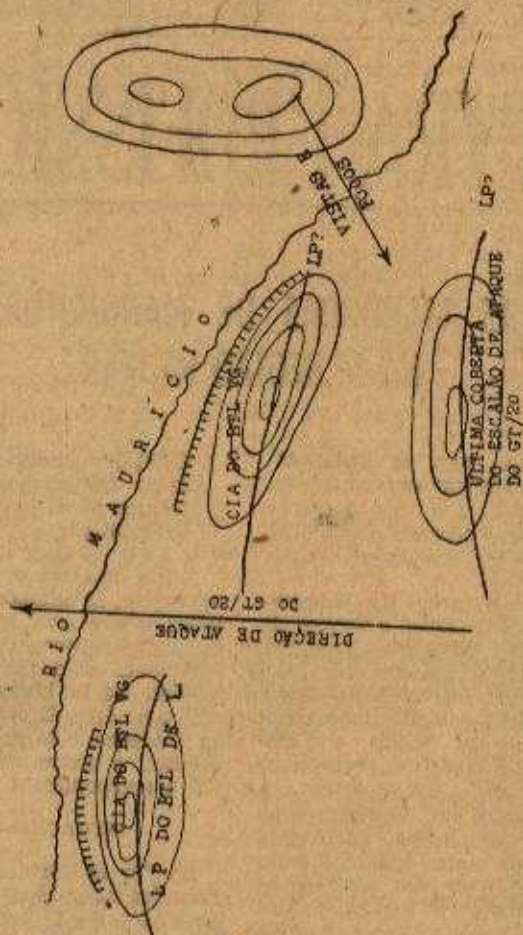
C-101-5, particularmente no referente aos exames de situação e técnica de elaboração de ordens de combate.

A fim de acrescer o realismo das operações, as unidades, embora alertadas sobre sua participação no exercício, receberam ordem de deslocamento com uma antecedência máxima de 24 horas. Foi estabelecida uma área de concentração para as unidades, e só nela o Cmt do RI recebeu a ordem para organizar o QT correspondente.

SITUAÇÃO GERAL

As Forças Vermelhas, com iniciativa das operações, desencadearam uma ofensiva de surpresa, tanto em terra, como no mar, realizando uma operação de desembarque com a finalidade de cortar o principal eixo de transportes Azul, verdadeiramente vital para o prosseguimento de suas operações. Sua Aeronáutica manifestou desde logo incontestada superioridade, apoiando não só as ações terrestres como atuando profundamente no território Azul.

O PROBLEMA DA LINHA DE PARTIDA



Face à surpresa da ação inimiga, as Forças Azuis achavam-se ainda em pleno estágio de mobilização e concentração.

Tratava-se, pois, para o Partido Azul, de barrar a progressão inimiga sobre o referido eixo de transporte, assegurando sua função de cordão umbilical, cobrindo, simultaneamente, os centros vitais do País, inclusive a capital, Curitiba. Para isto, o Cmdo Azul, sediado naquela localidade, lançou para o sul, em duas direções, os elementos disponíveis, onde se incluía o GT/20.

PRIMEIRAS OPERAÇÕES

Concentrado o GT/20 na região 12 km S de Curitiba, seu Cmt, muito acertadamente e face às informações fornecidas pelo Cmdo Divisório, colhidas pelos órgãos de busca Azuis, lançou um BI em ação de vanguarda, com a missão de assegurar desde logo a posse das alturas S do Rio Maurício, que constituiriam, assim, a "placa de manobra" do GT. Bem analisada a situação do inimigo, o grosso daquele deslocou-se à noite, em virtude da superioridade aérea Vermelha. Foi de fato uma decisão equilibrada, porquanto o êxito da missão poderia ser comprometido caso o GT se deslocasse de dia. Foi a conclusão a que chegou a direção do exercício, pela análise das fotografias obtidas pelos oficiais da Aeronáutica (encarregados da figuração aérea), durante a ação diurna da vanguarda.

O Btl vanguarda progredia com uma relativa segurança, visto como o Esqd Rec Mec da DI vinha balizando a progressão do inimigo e fornecendo as informações indispensáveis à conduta das operações. Por seu turno, a Aeronáutica Azul procurava cumprir, a despeito da superioridade Vermelha, suas missões de busca. Na 2ª parte da jornada, o Btl acolhia os primeiros elementos do Esqd e estabelecia contacto com frações Vermelhas nas alturas S do Rio Maurício. Em fim de jornada, após a realização de um ataque, com apoio de uma Bia de Art 75, que lhe fora dada em reforço,

o Btl conquistava aquelas alturas, assegurando, destarte, o deslocamento, em segurança, do GT/20.

O GROSSO DO GT É EMPENHADO

Na noite de D+1 para D+2, o grosso do GT/20 cerrava sobre o corte Maurício. Em fim de movimento, devia adotar um dispositivo deveras curioso: ofensivo? defensivo? Eis a questão, porquanto, face às informações do momento, um GT Vermelho poderia cerrar também sobre aquele corte, e, em tal caso, caberia ao GT/20 tomar atitude defensiva. Caso aquele elemento inimigo não realizasse o deslocamento previsto, o GT Azul teria de atacar, na conformidade da missão imposta: atuar na direção Curitiba-Mandirituba-Campo Alegre. Estando o Rio Maurício aquém de Mandirituba, compreende-se a alternativa.

A tomada do dispositivo pelo GT/20 ofereceu as dificuldades que eram de esperar nas condições do momento: noite escura, proximidade do inimigo, segurança apenas relativa.

MONTAGEM DO ATAQUE

Ao amanhecer de D+2, chegavam do escalão superior informações sobre o inimigo, as quais diziam não ter ele cerrado novos meios para o N. De posse daquelas, iniciou o Cmt do GT/20 os exames de situação e consequentes reconhecimentos para o ataque que esperava levar a efeito na 2ª parte da jornada. Apresentava o inimigo o valor de um BI reforçado, inclusive com blindados, apresentando a possibilidade de empregar mais o valor de um GT, ainda a D+2.

Um interessante problema se deparou ao Cmdo do GT/20: o da linha de partida. Isto, porque, embora os elementos mais avançados do Btl vanguarda estivessem de posse a E, das alturas imediatamente ao S do Maurício (linha de contacto), um trecho do terreno compreendido entre a última coberta do escalão de ataque do GT e as referidas alturas (que seriam

a linha de partida natural), esse trecho, dizíamos, era enfiado por armas automáticas inimigas situadas no flanco W (direito) do dispositivo Azul. Dessarte, o escalão de ataque, que deveria ultrapassar os elementos do Btl vanguarda, teria de dar o primeiro lance sujeito à ação daquelas armas e das de tiro curvo, fáceis de comandar das alturas do referido flanco. A situação deu azo a interessantes discussões de ordem doutrinária, chegando diretores e executantes à conclusão de que a linha de partida do BI de E devia ser, de fato, à retaguarda. Tal solução vinha impor a montagem de uma operação preliminar, ou, em outros termos, um ataque sucessivo do GT. Note-se que o problema da LP só surgiu em vista do GT ter sido obrigado a tomar o dispositivo para o ataque à luz do dia, em face da situação.

Para fins de treinamento, os reconhecimentos consumiram toda uma jornada. Durante a mesma, a direção de manobra conduziu algumas discussões, onde os oficiais do EM do GT tiveram ocasião de pôr à prova os ensinamentos já adquiridos em o novo regulamento C-101-5. Foi, de veras, um excelente teste, porquanto tais oficiais nem sequer possuíam o curso da EAO.

ATACAM OS AZUIS

Ao alvorecer de D+3, arremetia a Infantaria do GT/20 a linha do Rio Maurício com apoio de todas as armas e serviços, havendo realizado, preliminarmente, a operação de cercar com o BI de E sobre a margem S do Rio. A vegetação abundante que marginava aquêle, de par com os campos minados lançados pelos Vermelhos, dificultaram seriamente a progressão do escalão de ataque do GT, exigindo enormes esforços da engenharia de apoio e da artilharia (75 de apoio direto e 105 de ação de conjunto). Sem embargo, antes do término da 1ª parte da jornada, os atacantes conquistavam ORI.

CONTRA-ATACAM OS VERMELHOS

Antes que se houvessem os Azuis firmado na posse de seu objetivo,

lançaram os Vermelhos, de acôrdo com a boa doutrina defensiva, um vigoroso contra-ataque, a base de blindados, o qual exigiu grande denodo dos elementos do GT/20 que tiveram de empregar judiciosamente seus canhões AC. Tal contra-ataque não constituiu surpresa, porquanto chegavam em tempo hábil, ao Cmdo do GT, informações sobre a presença de blindados Vermelhos à retaguarda do dispositivo inimigo.

COROAMENTO DAS MANOBRAS

Mantido o objetivo a todo o transe, para o que muito contribuíram as barragens da artilharia, adredemente preparadas, foram consideradas como satisfeitas as finalidades do exercício. Viveu a tropa, e viveram seus quadros, as mais diversas atitudes próprias do combate: ação retardadora, acolhimento de elementos amigos pressionados, marcha para o contacto, ações de vanguarda, ataque de Btl, marcha noturna, reconhecimentos diversos, ultrapassamento de elementos amigos em posição, ataque, defensiva e manutenção do objetivo. Os executantes houberam-se, em regra, com galhardia, não se tendo a lamentar o mínimo acidente, não obstante haver-se realizado tiro real de morteiros e de artilharia, terem-se empregado armadilhas e minas contra pessoal, cargas explosivas, etc.

A direção de arbitragem e a de manobras procederam à crítica regulamentar, onde foram salientados os pontos fundamentais de interesse dos quadros e da tropa, e o regosijo de que se achavam todos possuídos, em face da serena compreensão, da parte de oficiais e praças, de seus deveres para com o Exército e a Pátria.

AÇÃO DAS ARMAS DE APOIO

A Artilharia.

A "poderosa" atuou com canhões de 75 e obuses de 105, realizando marchas diurnas e noturnas, levantamentos topográficos e tiro real de apoio ao combate. Foi de particular

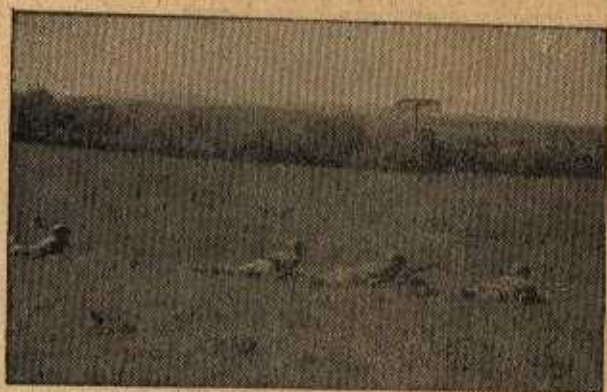


Fig. 1 — A Base de Fogos apóia o Escalão de Ataque



Fig. 2 — O Escalão de Ataque transpõe a L.P.

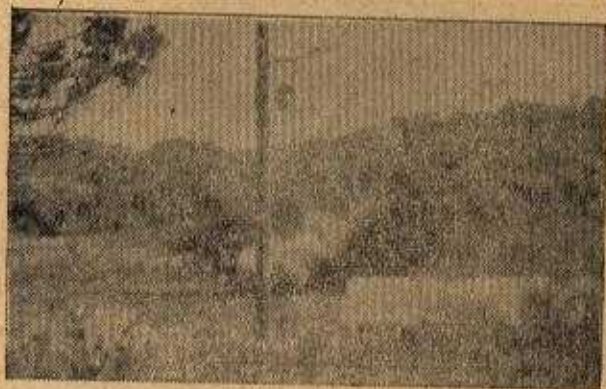


Fig. 3 — A Engenharia abre brecha em Campo de Minas



Fig. 4 — Posição de Mrt.

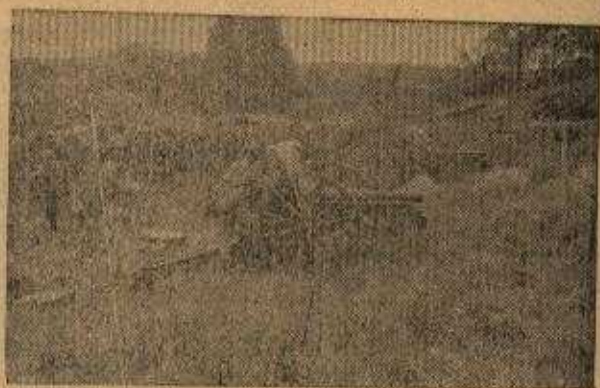


Fig. 5 — Artilharia em posição



Fig. 6 — Central de Tiro

interêsse a formação de um Agrupamento-Grupo, atuando como orgânico o Grupo de 75.

A Engenharia.

Essa arma teve ensanchas para realizar as mais diversas ações de sua especialidade, desde a montagem e exploração de um P Sup d'água à abertura de brechas em campos de minas, neutralização de armadilhas e construção de pontilhões.

As Comunicações.

A Cia de Comunicações desenvolveu intensa atividade no decorrer do exercício, lançando cerca de 80 km de linha, explorando 7 centrais telefônicas, 3 centros de mensagens e 12 postos-rádio. Compu-te-se, ademais, os meios lançados e explorados pelos diversos escalões do comando.

ACÇÃO DOS SERVIÇOS

Saúde.

O Serviço de Saúde Divisionário teve margem para pôr à prova seus conhecimentos técnicos, instalando os indispensáveis órgãos de apoio às forças combatentes, tais como PED e PTD, além dos característicos dos escalões menores.

Intendência.

Executou diversos misteres na esfera de suas atribuições, instalando um P Sup Classe I e assegurando, por intermédio da Cia de Intendência Divisionária, o fluxo de suprimentos para as unidades. Realizou, outrossim, transportes diversos.

Manutenção.

A 5ª Cia Mnt L esteve representada por uma equipe de manutenção, suficiente para prestar o conveniente apoio próprio do 2º escalão. Montou e operou um P Sup Classe III.

Veterinária.

Tal serviço teve ocasião de se dobrar no terreno, de formar e pres-

tar o apoio às unidades que dispunham de animais cavalares e muares, tendo instalado um PE Vet.

Polícia.

Realizou rigorosa fiscalização do tráfego militar, estabelecendo diversos PCT e 1/PCCT. Tendo-se desenrolado em muito boa ordem os exercícios, sua ação policial foi muito facilitada.

ACÇÃO DA FAB

Os aviões da FAB emprestaram ao exercício notável realismo, tanto pela ação direta (embora simulada) sobre os executantes, como pelo documentário fotográfico recolhido, o qual veio permitir conclusões interessantíssimas sobre a camuflagem e o disforce. Elementos que se achavam suficientemente abrigado das vistas aéreas, a seu ver, tiveram oportunidade de observar fotografias recém-tiradas, onde a precisão inexorável das objetivas se fez sentir revelando posições de Bias, estacionamentos aparentemente discretíssimos, etc.

A FIGURAÇÃO DO INIMIGO

Neste particular, colheram-se resultados dos melhores, devidos em grande parte — ousamos dizê-lo, ferindo a modéstia do responsável direto — à experiência, iniciativa e operosidade do Major Augusto Diniz de Carvalho. Os meios utilizados foram os do Esqd Rec Mec, após acolhido pelo Btl vanguarda. Era de ver-se a escolha judiciosa de posições de armas automáticas (figuradas por bandeirolas vermelhas), as linhas do terreno selecionadas para o estabelecimento da defesa, a realização oportuna do contra-ataque de blindados, a ligação perfeita entre os diversos elementos encarregados da figuração.

DIREÇÃO E ARBITRAGEM

Coube a direção geral das manobras ao Gen. Div. João Valdetaro



Fig. 7 — A Aeronáutica Intervém



Fig. 8 — Generais Valdetaro e Alves Bastos no P.O.



Fig. 9 — As comunicações em atividade



Fig. 10 — Os vermelhos contra-atacam com blindados



Fig. 11 — Cortina de fumaça para cobrir o retraimento dos blindados vermelhos

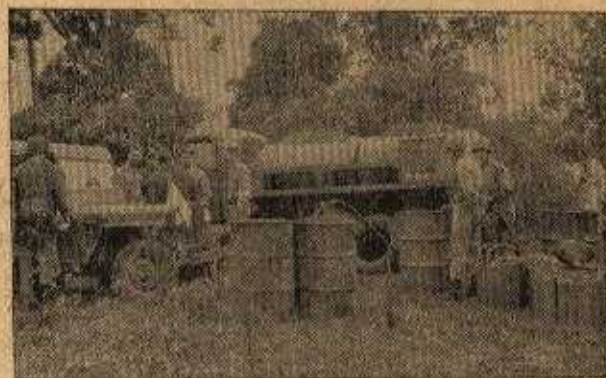


Fig. 12 — P. Sup. classe III

de Amorim e Mello, tendo sido atribuído ao Gen. Joaquim Justino Alves Bastos a direção própria do exercício, assessorado pelo Cel. José Domingues dos Santos, Ten.-Cel. Alípio Ayres de Carvalho e Maj. Brasília Marques dos Santos Sobrinho.

Encarregou-se da arbitragem o Cel. João Gualberto Gomes de Sá, coadjuvado pelo Major Florimar Campelo. Foi sem dúvida eficiente tanto a direção do exercício, como a da arbitragem, orientando aquela os executantes para os objetivos a atingir, e esta colhendo interessantes observações que redundaram em proveitoso cabedal de ensinamentos militares.

CONCLUSÕES

Viveu parte da tropa da 5ª RM dias de entusiástica atividade nos campos de Mandirituba, pondo à prova, num quadro de realismo sadio, os ensinamentos militares colhidos em profícuo ano de instrução. Quadros e Tropa, imbuídos da mais elevada compreensão de seus deveres, não pouparam esforços no sentido de emprestar um cunho de eficiência, precisão e espontaneidade a todos os atos do combate simulado. Reunidos num mesmo quadro tático, as diversas armas e serviços compreenderam nitidamente suas obrigações para com a tarefa comum de expulsar o 'inimigo' do chão paranaense.

